

## Sarney até 90

## 'Quantos votaram contra?', diz Sarney ao saber da vitória

Foto Luis Noyes



A diminuição gradual da tensão e da expectativa acabou por revelar um Sarney sorridente, na manhã de ontem (no estacionamento do Palácio do Planalto), já confiante na vitória da emenda que o mantém na Presidência até março de 90

## JOSIAS DE SOUZA

Secretário de Redação do Suplemento de Brasília

Do momento em que levantou, pouco depois das 5h, até as 18h29, quando o ministro Ronaldo Costa Couto irrompeu em seu gabinete para comunicar-lhe que o mandato de cinco anos acabara de ser aprovado, o presidente José Sarney exibiu uma calma incomum, a ponto de deixar "intrigado" o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, com quem almoçou. A notícia que o presidente esperou durante todo o dia veio num bilhete de Costa Couto, colocado à sua frente. Sarney estava ao telefone. Do outro lado da linha, falava uma preocupada Marly Sarney que, com seu telefonema, arrancou o marido da frente de um televisor no instante em que os computadores do Congresso já contavam os votos dos constituintes.

"Vencemos: 328", anotou Costa Couto em seu bilhete. Insatisfeito, o presidente disparou perguntas na direção do seu chefe do Gabinete Civil. "Quantos votaram contra?" O ministro da Educação, Hugo Napoleão, que a esta altura já engrossava a fila de auxiliares ávidos por cumprimentar o presidente, veio em socorro de Costa Couto. "Foram 222 votos contra e três abstenções", disse. Sarney tranquilizou a mulher, despediu-se e correu para a televisão, estrategicamente colocada num gabinete ao lado. Ainda teve tempo de acompanhar as comemorações finais dos cincoanistas no plenário.

## Pouco a dizer

Sarney ainda estava grudado na televisão quando seu porta-voz, Carlos Henrique, conduziu os jornalistas à sua sala. O presidente entrou em seguida. Antes de sentar-se diante de sua mesa, teve de atravessar pelo menos dois metros de sorrisos.

Eram os assessores, ministros, o governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira, e o filho, Fernando Sarney, em Brasília desde a semana passada. "Não tenho muito a dizer", foram as primeiras palavras de Sarney diante das câmeras e máquinas fotográficas. Em seguida, ele disse muito, pelo menos em quantidade de palavras.

"Acho que quem governa, governa com realidades", prosseguiu o presidente. "Neste instante, a Assembleia Nacional Constituinte deu-me a confiança de governar o país até 1990. Recebo, acato e respeito a decisão, com o mesmo dever com que assumi a Presidência da República". Sarney elegeu duas "tarefas gigantes" que terá de cumprir no resto de mandato que recebeu: concluir a transição democrática, entregando ao seu sucessor um Brasil "em paz", e ordenar a economia, mantendo o desenvolvimento, evitando a recessão e reintroduzindo o país na comunidade financeira internacional.

## Pressão normal

Entre os privilegiados que puderam observar o semblante de Sarney no momento do triunfo dos cinco anos estava um homem que, desde o início do dia, cultivava a certeza de que sua reação não viria acompanhada de arroubos de excitação. O chefe do Serviço Médico da Presidência, coronel-médico Messias Dias de Araújo Jr., cruzou, às 8h15, como faz todas as manhãs, os portões do Palácio da Alvorada. Já o aguardava um Sarney metido num "jogging" bege, pronto para a sessão de ginástica. Os dois deveriam dar algumas voltas em torno do Alvorada, mas o presidente queixou-se do frio e, como fizera no dia anterior, Messias consentiu em que a caminhada fosse feita numa esteira

(equipamento que permite correr sem sair do lugar), na sala de esportes da residência presidencial.

A certeza de que Sarney não teria qualquer sobressalto ao longo do dia veio após a caminhada na esteira — foram aproximadamente cinco quilômetros, segundo Messias Jr. Ao medir a pressão do presidente, o médico sentenciou: "Está normalíssima, 12 por oito". A prova definitiva de que o presidente estava com a saúde em dia veio com a contagem dos batimentos cardíacos: cerca de 70 por minuto. "A votação do mandato não alterou em nada a rotina do presidente", diria mais tarde Messias Jr. Ontem, o presidente decidiu não enfurnar-se na sauna do Alvorada, que costuma utilizar com frequência. Preferiu banhar-se e tomar o café da manhã junto com os filhos Fernando e Roseana e a mulher Marly.

## Festa de Roseana

Os aparelhos usados por Messias Jr. tinham motivos de sobra para apontar a calma de Sarney. Na noite anterior, durante a festa de aniversário de Roseana, o presidente recebeu dos ministros que considera mais "fiéis" notícias tranquilizadoras. Antônio Carlos Magalhães (Comunicações) e Prisco Viana (Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente) lhe disseram que a emenda Matheus Iensen estava, de fato, aprovada. Na verdade, o presidente esperava transformar a festa da filha numa grande comemoração pela vitória do mandato. Chegou a chatear-se com o adiamento da votação para o dia seguinte. Mas em nenhum momento deixou transparecer qualquer dúvida em relação à aprovação dos cinco anos.

Sarney degustava um guaraná quando, ainda durante o aniversário da filha, o ministro José Reinaldo

Tavares (Transportes) lhe informou que a sessão da Constituinte fora suspensa, para ser retomada somente na manhã seguinte. Reinaldo obtivera a informação num telefonema da biblioteca do Alvorada. Minutos depois, Costa Couto confirmaria a informação. Prisco e Magalhães só chegaram ao Alvorada depois que o deputado Ulysses Guimarães anunciou a suspensão da sessão. Em determinado momento da festa, o ex-deputado Sarney Filho, que também chegou do Maranhão para afagar o pai durante os percalços do mandato, cuidou de chutar a "bola pra frente". "Não importa o dia da votação. O que interessava é o resultado, que já conhecemos", disse.

## Covas e Marly

Numa roda de pessoas que incluía Marly Sarney, o nome do senador Mário Covas, apontado como principal responsável pela demora na votação do mandato presidencial, chegou a ser citado. Antes que a conversa descambasse, a mulher do presidente tratou de pacificar o ambiente: "Ele está no seu papel de opositorista." A festa de quarta à noite não entrou pela madrugada. Os convidados dos Sarney, na maior parte amigos do Maranhão, conhecem os hábitos da casa. O presidente gosta de dormir cedo. Por volta da meia-noite, já não havia estranhos entre os familiares.

O palácio amanheceu de forma curiosa. Além do carro de Messias Jr., cruzou os portões do Alvorada um caminhão da Companhia de Desenvolvimento da Nova Capital (Novacap), a empresa que, entre outras coisas, cuida da manutenção dos prédios oficiais de Brasília. O caminhão despejou no quintal do presidente duas dúzias de operários, destacados para aparar os grama-

dos que circundam o Alvorada. "Temos que caprichar. O homem deve ganhar mais tempo de governo hoje. Vi na televisão ontem à noite", disse um dos trabalhadores, postado numa fila, formada para facilitar a identificação feita pelos agentes de segurança. De fato, o Alvorada parecia estar sendo preparado para uma nova fase, com a renovação, por um prazo pouco inferior a um ano e meio, do mandato do seu inquilino.

Simultaneamente à entrada dos operários, a guarda do Batalhão Presidencial formou um corredor na porta do Alvorada. Era o prenúncio de que o presidente sairia em pouco tempo. Sarney passou por entre os soldados perfilados minutos depois. Deixou sua casa precisamente às 9h. Cinco minutos foram suficientes para que deslizesse no Landau da presidência até o Palácio do Planalto, onde já o aguardava para uma audiência o ministro chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes. Pouco depois das 10h, num encontro com Costa Couto, o presidente recebeu as primeiras informações concretas sobre a votação do mandato. Persistia no plenário da Constituinte a impressão de que os quatroanistas continuariam obstruindo a votação da emenda Matheus Iensen.

## Notícias

No final da manhã, após ter recebido o governador de Sergipe, Antônio Carlos Valadares, e participado de uma solenidade em que lhe foram mostrados alguns carros especiais da Polícia Federal, Sarney recebeu notícias mais animadoras. A estratégia quatroanista de jogar para o final da fila a votação da proposta Iensen, classificando-a como "aditiva", estava fadada ao

insucesso. Os cincoanistas haviam encontrado uma fórmula milagrosa: a emenda Iensen seria fundida com outra proposta, de autoria do deputado Basílio Villani (PTB-PR). Com isso, sua votação não seria mais postergada.

Com as informações avissareiras, Sarney rumou para um almoço no Alvorada. Dividiu com o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, uma peixada com arroz, acompanhada de água. O almoço foi interrompido apenas uma vez. O chefe do Cerimonial da presidência, Júlio César, informou ao presidente que, se fosse mantida a programação inicial de sua viagem aos Estados Unidos, no próximo domingo, ele não teria como chegar a tempo de recepcionar em Brasília o primeiro-ministro português, Cavaco Silva. Sarney o autorizou a modificar o cronograma da viagem.

De resto, o tempo do almoço foi consumido por um confiante relato de Sarney, sobre o êxito dos planos que pretende executar até 1990. "Ele estava tranquilo demais. Não recebeu nenhuma informação sobre o que ocorria no Congresso", disse um impressionado Pedro Simon. "Eu tive a certeza de que venceria as eleições para o governo do Rio Grande com muita antecedência. Mas no dia da votação, não desgrudei do rádio e da televisão", comparou ele. O resultado estampado no placar do Congresso, no final da tarde, demonstraria ao governador porque o presidente que encontrou estava excessivamente calmo. Último ministro a despachar com Sarney, Hugo Napoleão desejou-lhe "boa sorte" ao trocar sua sala pelo gabinete onde se encontrava a televisão. "Acho que não vou precisar", dispensou o presidente.

## Câmara indiscreta



## ULYSSES BALANÇA MAS NÃO CAI

Foi um susto, mas durou muito pouco. Num passo acelerado, o deputado Ulysses Guimarães, presidente do Congresso constituinte e do PMDB, tentava fugir de um batalhão de jornalistas ao se deslocar de seu gabinete para o plenário. Ao tentar galgar o primeiro degrau da escada que dá acesso ao piso da Mesa, Ulysses trocou os pés, vacilou e teve de sustentar o corpo nas duas

mãos para evitar um tombo (foto). Aparentando pânico, um agente de segurança esticou a mão e puxou o braço esquerdo do deputado, recolocando-o no caminho certo. Tudo não durou mais que poucos segundos. Foi o suficiente, no entanto, para que os agentes redobrassem a atenção nas outras vezes em que Ulysses subiu e desceu a mesma escada durante o resto do dia.

## Um político que nunca imaginou chegar tão alto

Do Redação

José Ribamar Ferreira de Araújo Costa nasceu na pequena cidade de Pinheiro (MA) a 24 de abril de 1930, filho de Sarney de Araújo Costa —advogado e promotor público— e Kiola Ferreira de Araújo Costa. José ficou conhecido, desde criança, como "Zé do Sarney" (filho do Sarney). Mais tarde, em 1965, adotou legalmente o nome José Sarney Costa, que utilizara para fins eleitorais desde 1958.

O nome Sarney tem uma origem curiosa: o avô do presidente trabalhava numa companhia de energia elétrica dirigida por um norte-americano, cujo gerente era um inglês de nome Ney. O diretor dirigia-se ao gerente chamando-o de Sir (senhor) Ney. O avô gostou do "nome" do gerente e batizou seu filho com ele.

## Formação e militância

Sarney, o presidente, cursou a Faculdade de Direito do Maranhão, formando-se em 1953. Começou sua militância política no movimento estudantil. Aos 14 anos, foi eleito presidente do Centro Estudantil do seu colégio (Liceu Maranhense). Um ano depois, em 1945, participou de protestos contra a ditadura de Getúlio Vargas, tendo sido preso três vezes. Na faculdade, elegeu-se presidente da União Maranhense dos Estudantes e delegado desta entidade à União Nacional dos Estudantes (UNE). Do movimento estudantil passou para a política partidária.

## Do PSD a UDN

Sarney ingressou no Partido Social Democrático (PSD), comandado pelo senador Vitorino Freire. Em 1964, concorreu a uma vaga na Câmara, ainda com o nome de batismo, mas obteve apenas uma suplência. Mesmo assim, ocupou uma cadeira na

Câmara por alguns curtos períodos em 1956 e 1957.

Em fevereiro de 1958, encabeçou um abaixo-assinado em apoio à Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Maranhão (adversária da oligarquia local) e rompeu com o PSD. Entrou na União Democrática Nacional (UDN) e, com o nome de José Sarney Costa, elegeu-se para a Câmara no pleito de outubro de 1958.

No Congresso Nacional, Sarney integrou o grupo de udenistas que adotou o nome de "Bossa-Nova". O grupo pretendia disciplinar o capital estrangeiro no país (através da lei da remessa de lucros) e pregava a política externa independente. Além disso, defendia a implantação das reformas de base (agrária, urbana, bancária e tributária) e o monopólio estatal nos setores do petróleo e energia elétrica.

A "Bossa-Nova" defendeu a candidatura de Jânio Quadros à Presidência, em 1960, e o apoiou em sua curta gestão. Após a renúncia, transferiram seu apoio ao novo presidente, João Goulart. Sarney apoiou Goulart até o Movimento de 64.

## Governador do Maranhão

Após a vitória do Movimento, Sarney passou a apoiar o novo governo. Em 1965, foi indicado pela UDN para concorrer ao governo do Maranhão. O presidente Castello Branco pressionou o governador Newton Bello, do PSD, a retirar seu apoio ao candidato do partido, o deputado Renato Archer, e a lançar uma candidatura dissidente — a de Costa Rodrigues, pelo PDC. Um dos militares encarregados de pressionar o governador era o então coronel João Baptista Figueiredo. A candidatura Sarney, beneficiada pela divisão do PSD, contou ainda com o apoio dos trabalhadores agrícolas. Durante sua campanha, Sarney

prometeu a eles a reabertura dos sindicatos rurais, que haviam sido fechados pelo governo militar. Foi eleito com 121 mil votos, mas não cumpriu a promessa.

Depois da dissolução dos partidos existentes pelo Ato Institucional nº 2 em outubro de 1965, Sarney ingressou na Aliança Renovadora Nacional (Arena). Tomou posse em fevereiro de 1966. Tornou-se o principal líder do partido no Estado. Deixou o governo em 1970 para se candidatar ao Senado. Foi eleito com 236 mil votos. Reeleger-se em senador em 1978, com mais de 200 mil votos.

## Presidente do PDS

Em janeiro de 1979, o presidente eleito João Baptista Figueiredo o indicou para a presidência da Arena. Com a dissolução do bipartidarismo em novembro desse ano, ingressou no Partido Democrático Social (PDS), do qual foi eleito presidente em fevereiro de 1980.

No PDS, Sarney amargou várias decepções. Foi preterido na escolha do presidente do Senado (dezembro de 1982), e assistiu o PDS perder a maioria no Congresso e vários governos estaduais nas eleições de 1982. Sofreu o desgaste de comandar a votação contra a emenda das diretas-já, em abril de 1984.

Fracassou em suas tentativas de unir o partido, que rachou durante a campanha para a sucessão de Figueiredo. No início de junho de 1984, Sarney propôs a realização de uma prévia nas bases do partido para a escolha do candidato a presidente. No dia 6 de junho, Figueiredo apoiou a proposta, mas voltou atrás três dias depois. A proposta foi recusada na reunião da Comissão Executiva do PDS no dia 11 de junho, e Sarney renunciou à presidência do partido.

## Presidente da República

Sarney juntou-se ao grupo que